Muitos cristãos — e também muitos não crentes — já se fizeram esta pergunta em algum momento:

Como pode ser o mesmo Deus aquele que, no Antigo Testamento, ordena guerras e, no Novo Testamento, prega o amor aos inimigos?

Em uma cultura como a nossa, marcada pela sensibilidade à paz, à justiça social e à misericórdia, esse contraste parece ainda mais chocante. Fala-se do “Deus severo e punitivo” do Antigo Testamento em contraste com o “Deus bom e compreensivo” revelado por Jesus Cristo.

Mas será mesmo assim?
Existem dois deuses diferentes?
Deus evoluiu?
Ele se tornou mais gentil com o tempo?

A resposta católica é clara, firme e profundamente bela:
Deus é um, eterno e imutável. Ele não muda. O que muda é a nossa capacidade de compreendê-Lo.

E compreender isso não é apenas uma questão intelectual. É uma questão espiritual que transforma a nossa vida.

---

1. Um erro antigo: a heresia de Marcião

A ideia de que o Deus do Antigo Testamento seria diferente do Deus do Novo Testamento não é nova. No século II, um herege chamado **Marcião** afirmava que o Deus do Antigo Testamento era um deus inferior, duro e legalista, enquanto o Pai de Jesus era outro deus — bom e misericordioso.

A Igreja rejeitou firmemente essa posição. Por quê?

Porque rompe a unidade da Revelação e destrói o coração do cristianismo: **Jesus Cristo é o cumprimento do Antigo Testamento, não a sua negação.**

O próprio Jesus afirmou:

> *“Não penseis que vim destruir a Lei ou os Profetas; não vim destruir, mas cumprir.” (Mateus 5,17)*

Cristo não corrige Deus. Cristo revela plenamente quem é Deus.

---

2. O Antigo Testamento: justiça, pedagogia e aliança

Para compreender o Antigo Testamento, precisamos situar-nos em seu contexto histórico e espiritual.

Israel vivia cercado por culturas pagãs violentas, idólatras e moralmente degradadas. Deus não escolheu Israel porque fosse perfeito, mas para educá-lo, purificá-lo e prepará-lo para algo infinitamente maior: a Encarnação.

Pedagogia divina

Deus age como um professor. Ele educa progressivamente.

Santo Irineu falava da “economia” divina: Deus adapta-se à capacidade do homem, como um pai que ensina passo a passo.

No Antigo Testamento encontramos justiça rigorosa, leis severas, punições exemplares. Por quê?

Porque o povo ainda estava em um estágio inicial de compreensão moral. Era necessário estabelecer:

- A gravidade do pecado
- A santidade absoluta de Deus
- A necessidade de obediência
- A seriedade da aliança

Mas mesmo no Antigo Testamento encontramos abundante misericórdia:

> *“O Senhor é compassivo e misericordioso, tardio em irar-se e grande em amor.” (Salmo 103,8)*

Esse versículo não está no Novo Testamento. Está no Antigo.

Deus não mudou. A misericórdia já estava presente.

---

3. E quanto às punições e às guerras?

Aqui surge a objeção mais forte: as guerras de Israel, as punições divinas, o dilúvio, Sodoma e Gomorra.

Para compreender isso teologicamente, devemos considerar três elementos:

1. Deus é justo

A misericórdia não anula a justiça.
O pecado tem consequências reais.

Na nossa cultura moderna, tendemos a minimizar o pecado. Mas na Bíblia, o pecado não é apenas um erro moral: é uma ruptura radical com a própria Vida.

Se Deus punisse o mal, Ele seria injusto? Não.
Se não o punisse, seria indiferente.

O juízo divino revela que o mal importa.

2. Linguagem bíblica

Muitos relatos usam linguagem simbólica, épica e culturalmente condicionada. Não são crônicas modernas. Expressam verdades teológicas em formas literárias próprias da sua época.

A Igreja nunca leu esses textos de forma fundamentalista.

3. Deus age na história para salvar

Mesmo as punições têm um propósito medicinal. São correções.

Como diz a Carta aos Hebreus:

> *“Porque o Senhor disciplina a quem ama.” (Hebreus 12,6)*

A punição não é uma vingança irracional. É justiça ordenada para o bem.

---

4. O Novo Testamento: apenas misericórdia?

Muitos acreditam que o juízo desaparece no Novo Testamento. Mas isso não é verdade.

Jesus fala sobre o inferno mais do que qualquer outra pessoa na Bíblia.
Fala de “choro e ranger de dentes”.
Fala de separação eterna.

Cristo expulsa os mercadores do Templo.
Condena a hipocrisia farisaica com palavras muito duras.

Então, onde está a diferença?

A diferença não é que Deus muda.
A diferença é que agora vemos o Seu rosto.

---

5. Em Cristo, justiça e misericórdia se unem

A chave está na Cruz.

Na Cruz acontece algo extraordinário:

- A justiça se cumpre: o pecado tem consequências reais.

- A misericórdia triunfa: Deus mesmo assume essas consequências.

Deus não ignora o mal.
Ele o toma sobre Si.

Isso muda tudo.

O Antigo Testamento mostrava a gravidade do pecado.
O Novo Testamento mostra o preço do perdão.

São Paulo expressa isso profundamente:

> *“Onde o pecado abundou, superabundou a graça.” (Romanos 5,20)*

Não há oposição entre justiça e misericórdia.
Há cumprimento.

---

6. Por que é difícil para nós hoje

Vivemos em uma cultura que:

- Rejeita a ideia de juízo
- Confunde amor com permissividade
- Reduz o pecado a um erro psicológico

Queremos um Deus que console, mas não que corrija.

No entanto, um Deus que não julga o mal não é amoroso.
Seria indiferente ao sofrimento das vítimas.

A justiça divina garante que o mal não tenha a última palavra.

---

7. Aplicações práticas para a nossa vida

Este tema não é apenas teológico. É profundamente pastoral.

1. Recuperar o senso do pecado

Se Deus é misericordioso, é porque o pecado é real.

Exame de consciência sério.
Confissão frequente.
Vida sacramental.

Sem consciência do mal, a misericórdia perde seu significado.

---

2. Compreender a correção em nossas vidas

Quando atravessamos provações, não pensemos que Deus nos abandonou.

Às vezes, Deus permite purificações.
Não para nos destruir, mas para nos santificar.

O Antigo Testamento nos lembra que Deus leva a sério nossa conversão.

---

3. Viver em equilíbrio: nem rigorismo nem laxismo

Alguns cristãos permanecem ancorados na imagem de um “Deus punitivo”.
Outros falam apenas de um “Deus que permite tudo”.

A fé católica mantém o equilíbrio:

- Deus é infinitamente santo.
- Deus é infinitamente misericordioso.
- Ambos ao mesmo tempo.

8. A profunda unidade da Revelação

O Antigo Testamento é promessa.
O Novo Testamento é cumprimento.

Santo Agostinho expressou isso magistralmente:

> *“O Novo Testamento está escondido no Antigo, e o Antigo se manifesta no Novo.”*

Não há ruptura.
Há desenvolvimento.

Como uma semente que se torna árvore.

9. Um guia espiritual para hoje

Se hoje você sente que Deus é duro com você, lembre-se:

Sua justiça não é crueldade.
É amor que purifica.

Se hoje você sente que Deus é muito exigente, lembre-se:

Cristo morreu por você.

Se hoje você teme o juízo, lembre-se:

A misericórdia está aberta enquanto houver vida.

Mas não confunda misericórdia com indiferença.

10. A imagem correta de Deus transforma sua vida

A imagem que temos de Deus molda tudo:

- Como oramos
- Como nos confessamos
- Como educamos nossos filhos
- Como entendemos o sofrimento

Se vemos Deus apenas como juiz, viveremos com medo.
Se O vemos apenas como um amigo permissivo, viveremos superficialmente.

Mas se compreendemos que Ele é **um Pai justo e misericordioso**, viveremos em confiança reverente.

Conclusão: não são dois deuses. O mesmo Amor revelado progressivamente.

O Deus do Antigo Testamento não é uma divindade vingativa.
Ele é o Deus santo que prepara o Seu povo.

O Deus do Novo Testamento não é um deus fraco.
Ele é o mesmo Deus que revela Seu coração em Cristo.

Na Cruz entendemos tudo:

A justiça não desaparece.
A misericórdia não nega a verdade.
O amor não elimina a santidade.

Deus não mudou.
O que mudou foi a plenitude da revelação.

E hoje, em um mundo que oscila entre relativismo e medo, precisamos redescobrir esta

verdade:

Deus é fogo que purifica e abraço que salva.

E esse Deus — o mesmo Deus de Abraão, de Moisés e de Jesus — continua agindo em sua história.

Ele não é diferente.
Ele é mais profundo do que jamais imaginamos.